

# Habilidade e equilíbrio de FHC

Cardoso Fernando Henrique

GAUDÊNCIO TORQUATO

A rota de um presidente, ao longo de quatro anos, é cheia de curvas. Fernando Henrique está passando, no momento, pela grande curva de seu mandato. Para um presidente com perfil acentuadamente intelectual, está se saindo muito bem ao volante. Investiu-se no papel de grande comandante da reforma constitucional; desempenha, com eficiência, a função de articulador político; recebe e amortece, com classe, os impactos atirados contra sua maneira de agir; enfrenta com destemor a maior greve política dos últimos anos; suporta as pressões do setor empresarial e até é complacente com as excêntridades do confuso ex-presidente Itamar Franco. FHC tem demonstrado competência.

Está certo o Presidente em não aceitar a retomada das conversações com os petroleiros, enquanto estes não voltarem ao trabalho, cumprindo, assim, a decisão da Justiça. Não se trata de intransigência, como vem afirmando Lula da Silva, o ainda amargurado presidente do PT. Trata-se, sobretudo, de preservar o direito e a ordem. Fosse atender às reivindicações dos petroleiros, fechando os ouvidos ao TST, o Governo desmoralizaria. Não há dúvida, que o efeito-dominó das pressões salariais convulsionaria o tecido governamental, desmoralizando o sentido de autoridade. A postura de FHC é de equilíbrio e responsabilidade, como se depreende da ocupação das refinarias por tropas do Exército.

Na frente política, o desempenho presidencial tem sido claramente positivo. A reforma constitucional anda a

passos largos e, de um modo geral, está dentro do figurino traçado. Conserva-se o núcleo central das propostas, o quórum parlamentar é bom e a maioria do governo tem surpreendido. Fernando Henrique desdobra-se nas conversas e usa sua conhecida capacidade de argumentação. As divisões dentro dos partidos, principalmente na maior bancada, o PMDB, são costuradas pelo esforço dos líderes, destacando-se o líder do PMDB, Michel Temer, cuja função se assemelha a de algodão entre vidros. FHC montou um rolo-compressor. E não precisou partir para uma ampla negociação em torno de cargos. Age com parcimônia, o que lhe confere a marca de vagaroso e indeciso. Não é verdade. A pressa não combina com sua visão do calendário decisório.

Deve ser muito difícil para um presidente intelectual, e vaidoso, como FHC, agüentar estocadas constantes de gente que até considera amiga. É o caso de ACM, que não perde uma oportunidade para ganhar espaço na mídia, pegando carona nos torpedos lançados contra o estilo FHC. Elegeu-se o ombudsman do Governo e, investindo nessa condição, se mostra como o pai protetor, que deseja o sucesso do filho, quando, na verdade, o que deseja mesmo é aparecer. ACM é sagaz, vivo, um dos mais completos políticos brasileiros. Acaba conseguindo uma surpreendente harmonia entre as faces situacionista e opositorista. E esse milagre parece receber a admiração do Presidente. Mais uma vez, Fernando Henrique mostra habilidade. Nem sempre responder faz bem.

O pepino dos juros altos também

tem provocado uma corrente de críticas. A inadimplência do setor varejista tem crescido, aumentam os cheques sem fundo, o comércio diminui os pedidos à indústria. Mas os juros altos fazem parte da estratégia de segurar a inflação, por meio da contenção da demanda. É claro que há um ponto de quebra nesse conceito. O Presidente está querendo descobrir se ele já chegou ou se está próximo. As pressões empresariais não conseguem desmobilizar a harmonia da equipe econômica. Muitos apostavam na briga entre os ministros Serra e Malan. A mídia apimentou a disputa. Sabe-se que estão unidos e que a queda de ministros, por enquanto, é balela. Nessa área, o Presidente também tem agido com cautela. Não se açoda.

No mais, a inflação corre pequena, a sociedade se manifesta contra a greve dos petroleiros, a CUT está preocupada porque sua imagem despenca e o PT pretende fazer uma revisão em suas linhas de ação político-doutrinária. Os grupos de esquerda se sentem isolados. Os direitistas, tipo Maluf, endireitam seu perfil, correndo um pouco mais para o centro. O Congresso nunca foi tão eficiente como hoje. Os parlamentares aparecem, trabalham e decidem. Não há motivos para pânico. A febre é passageira. E o médico, Fernando Henrique Cardoso, está, até o presente, sabendo administrar a dose. Inclusive, com a receita de fazer vista grossa e massagear o ego do estourado Itamar Franco.

■ Gaudêncio Torquato é jornalista e professor da USP